

Teses Controversas de Aristóteles nas *Categorias*

António Pedro Mesquita
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

As *Categorias* são um pequeno tratado de Aristóteles, com toda a probabilidade um dos primeiros por ele escritos, que a tradição determinou, não arbitrariamente, que viesse a ocupar o primeiro lugar na ordenação canónica das obras conservadas de Aristóteles, que ainda hoje é respeitada. Por esse motivo (ou, pelo menos, também por esse motivo), este tratado foi, durante a Antiguidade, a obra aristotélica de longe mais comentada e discutida, tanto por seguidores e adeptos como por adversários filosóficos de Aristóteles.

Nesse tratado, encontramos o que é hoje mais ou menos consensualmente reconhecida como a primeira versão da teoria metafísica de Aristóteles, embora permaneça controverso qual o grau de continuidade ou de ruptura entre essa teoria e aquela que ele irá desenvolver mais tarde no conjunto de tratados que conhecemos como *Metafísica*.

Uma característica imediatamente evidente para quem começa a ler as *Categorias*, por contraste com outras obras aristotélicas, por exemplo, a *Metafísica*, é a invulgar clareza e organização da exposição, o que lhe confere um aspecto quase escolar. Contudo, sob esta aparência superficial de simplicidade e facilidade, uma leitura um pouco mais demorada e atenta permite detectar vários problemas. Na minha apresentação, irei concentrar-me em quatro desses problemas. O primeiro diz respeito ao modo como deve ser interpretada a cláusula da inseparabilidade dos acidentes em *Cat.* 2, 1a24-25; o segundo concerne a questão do próprio (*idion*) da substância, tal como exposto em *Cat.* 5, 4a10-21; o terceiro tem a ver com as excepções à simultaneidade natural dos relativos tal como expostas em *Cat.* 7, 7b15-8a12; e o quarto e último refere-se à existência de espécies de categoria diferente dos seus géneros, sustentada por Aristóteles em *Cat.* 8, 11a20-39.

O meu objectivo não será propor soluções para qualquer destes problemas, mas simplesmente chamar a atenção para a sua mera existência, que, na sua grande maioria, tem sido surpreendentemente desatendida pelo comentário moderno. Com isto, espero que uma coisa resulte clara: que vale a pena continuar a ler e a estudar as *Categorias*.

Caracterização Sumária dos Quatro Problemas

Problema 1:

No capítulo 2 das *Categorias*, Aristóteles propõe uma classificação quaternária dos tipos de coisas que existem. Os comentadores antigos interpretaram esses quatro tipos, na ordem em que são apresentados no texto, do seguinte modo: substâncias universais (coisas como Homem ou Animal); acidentes individuais (coisas como *este* branco, isto é, a cor branca desta parede); acidentes universais (coisas como o Branco); e substâncias individuais (coisas como *este* homem, por exemplo, Sócrates, ou *este* cavalo, por exemplo, Bucéfalo). Esta interpretação, modernamente conhecida como o “quadrado ontológico”, é genericamente aceite. De acordo com esta interpretação, o que distingue substâncias de acidentes é que estes, mas não aquelas, “estão num sujeito”. Ora, em 1a24-25, quando está a apresentar o segundo tipo de existentes, Aristóteles esclarece que estar num sujeito significa “estar em algo não como uma parte e não poder ser separadamente daquilo em que está”. Esta afirmação deu origem a uma grande polémica no último meio-século, tendo surgido diversas propostas acerca do modo como deve ser interpretada a segunda condição, que prescreve a inseparabilidade dos acidentes. Basicamente, a questão é: os acidentes não podem ser separadamente *daquele* sujeito de que são acidentes, ou não podem ser separadamente de *um certo* sujeito de que sejam acidentes? Ou a boa solução é ainda outra?

Problema 2:

Nos quatro capítulos que Aristóteles dedica à análise das quatro principais categorias (sucessivamente: a substância, a quantidade, os relativos e a qualidade), ele está visivelmente à procura de uma característica especial de cada uma dessas categorias, a que chama “própria”, característica essa que se distingue por ser satisfeita por todos os membros dessa categoria e apenas por eles. Em *Cat. 5, 4a10-11*, ele declara que a característica própria da substância, nesse sentido, é a seguinte: “sendo numericamente uma e a mesma, ser capaz de receber contrários”. O problema desta declaração é que esta característica só parece ser satisfeita pelas substâncias individuais, na medida em que só estas podem ser ditas unas e idênticas *numericamente*. Porém, se esta característica só for realmente satisfeita pelas substâncias individuais, não é satisfeita por todas, uma vez que há universais que também são substâncias (a saber, as espécies e os géneros das individuais); e, se não for satisfeita por todas, não pode ser uma característica própria da substância, no sentido referido. Acresce que, pouco antes desta passagem, Aristóteles tinha recusado como característica própria da substância uma outra que é exclusiva das substâncias primeiras e alegando precisamente esta razão. Isto mostra que, no seu espírito, pelo menos, a característica que nesta passagem afirma ser própria da substância não pode, afinal, ser exclusiva das substâncias individuais, ao invés do que parecia inicialmente.

Problema 3:

Em *Cat. 7*, Aristóteles discute os relativos. Relativos são um tipo peculiar de acidentes que se caracterizam pela correlatividade e pela reciprocidade. Basicamente, todo o relativo x é o que é por relação a um outro relativo y , que é o seu correlativo (por exemplo, algo maior é maior do que algo menor, que é o seu correlativo), e, por sua vez, este último reciproca com o primeiro, porque é o que é por relação com ele (no mesmo exemplo, algo menor é menor do que algo maior, que é, por sua vez, o seu correlativo). Entre as características que Aristóteles explora dos relativos, conta-se, em *7b15-8a12*, a simultaneidade natural. A simultaneidade natural é um tipo de dependência ontológica simétrica que se verifica entre coisas que não estão ligadas causalmente. Em termos breves, são naturalmente simultâneas coisas tais que nenhuma delas é causa da existência da outra, mas, se uma existe, a outra também existe, e, se uma não existe, a outra também não existe. Por exemplo, maior e menor são coisas naturalmente simultâneas neste sentido: pois, se existe uma coisa maior, existe uma coisa menor, e vice-versa; e, se qualquer uma delas deixar de existir, a outra também deixa de existir; mas, enquanto tais, nem a coisa maior é causa da existência da coisa menor, nem a menor é causa da existência da maior. Nesta secção do texto, Aristóteles sustenta que, apesar de os relativos parecerem ser, na sua maior parte, simultâneos por natureza, há aparentemente algumas excepções. Em seguida, menciona duas dessas excepções, a saber, os pares conhecimento/cognoscível e percepção/perceptível, argumentando longamente em favor da anterioridade do segundo relativo sobre o primeiro em cada um deles. Ora, esta tese é estranha, porque nem estes dois pares parecem ser verdadeiras excepções à regra, nem a conjunção da correlatividade e de reciprocidade, que são definitórias dos relativos, parece poder ser pensada sem a simultaneidade natural.

Problema 4:

Em *Cat. 8, 11a20-39*, Aristóteles afirma, assaz inesperadamente, que pode haver espécies pertencentes a categorias diferentes dos seus géneros. Esta afirmação é bizarra e inquietante, pelo seguinte motivo. Assuma-se que as categorias são os géneros mais elevados de todos. Os géneros mais elevados predicam-se dos géneros inferiores até às ínfimas espécies, e depois dos indivíduos, dentro de cada cadeia generativa. A predicação dentro de uma cadeia generativa é, nos termos das *Categorias*, sinónima, o que implica que os itens em cada escalão de uma cadeia generativa são essencialmente o que os itens nos escalões acima são essencialmente. Assim, se o género mais elevado é a substância, tudo o que está debaixo na cadeia generativa é uma substância; se é a qualidade, tudo o que está debaixo é uma qualidade; se é o relativo, tudo o que está debaixo é um relativo; e assim por diante. No entanto, a afirmação de Aristóteles afirma o contrário. Portanto, ou todo o esquema em que assenta a teoria metafísica das *Categorias* é faltoso, ou a tese de *Cat. 8* é falsa, ou é necessária uma interpretação que acomode ambos.